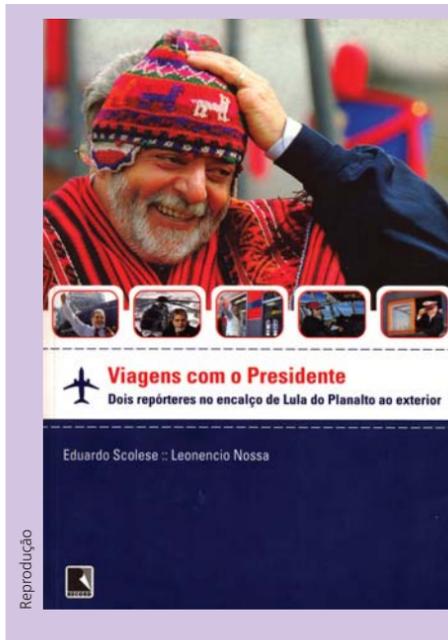


LULA LÁ, LULA AQUI, LULA ALI

Por Victor de Andrade Lopes

Quando ligamos a televisão, abrimos os jornais, acessamos os sites de notícias e sintonizamos os rádios, ficamos sabendo das últimas ações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula disse isso, Lula anunciou aquilo. Lula fez isso, Lula inaugurou aquilo. Mas e as partes que as câmeras, gravadores, microfones e bloquinhos de anotação não registram, ou, se registram, ficam guardadas para os jornalistas apenas? Mostrar os bastidores da imprensa, das viagens do petista, das suas comitivas, os comentários que não foram divulgados na imprensa. A isso se propõe a obra *Viagens com o Presidente – Dois repórteres no encaixo de Lula do Planalto ao exterior*, de Eduardo Scolese e Leonencio Nossa, repórteres das sucursais de Brasília da *Folha de S. Paulo* e *d'O Estado de S. Paulo*, respectivamente.

Escrito com anotações que vão desde a posse de Lula em 2003 até abril de 2006, meses depois do escândalo do Mensalão, o livro mostra o nosso presidente durante o seu primeiro mandato de um jeito que poucos viram. Balanceia o lado humano e pessoal do ex-operário com o seu lado formal e político, o mais destacado pela mídia. Revela comentários e desabafos que não foram parar nas páginas dos jornais, como quando chegou ao Palácio da Alvorada e lamentou o clima frio do local, em oposição ao calor das greves e manifestações operárias dos seus tempos de metalúrgico, ou quando disse à então ministra do Meio Ambiente Marina Silva que “essa



VIAGENS COM O PRESIDENTE – DOIS REPÓRTERES NO ENCAIXO DE LULA DO PLANALTO AO EXTERIOR
Autores: Eduardo Scolese e Leonencio Nossa
Ed. Record, 282 páginas

coisa de meio ambiente é igual a um exame de próstata: não dá pra ficar virgem toda a vida. Uma hora eles vão ter que enfiar o dedo no cu da gente. Então, companheira, se é pra enfiar, é melhor que enfiem logo”.

Como o nome sugere, a trajetória de Lula fora de Brasília foi o enfoque do trabalho dos dois repórteres. Há registros de viagens de Lula pelo território nacional, para inaugurar obras e aproximar-se da população, e ao exterior, por um sem-número de países com os quais o Brasil mantém relações bilaterais. As visitas constantes a países africanos, algo deixado de lado em governos anteriores, ganhou destaque no livro.

Os bastidores do governo também não foram ignorados. Até os codinomes utilizados pelo time de segurança do presidente foram registrados na obra. Os militares que protegem Lula referem-se a ele como “Tigre”, “Leão”, “Pantera”, “Saturno” e até “Eclipse”. Já a primeira-dama Marisa Letícia é chamada de “Estrela” ou “Damasco”. Para os profissionais da imprensa, sobrou a alcunha de “Besouros” ou outros insetos e animais pequenos. As páginas mostram comentários informais e até broncas do presidente dirigidas a funcionários em geral, como assessores e ajudantes de ordens.

Para ilustrar o livro, várias fotos do presidente em suas incontáveis viagens foram intercaladas com os textos. Além disso, há gráficos e mapas mostrando quando e quantas vezes Lula viajou para os estados do Brasil e os países do mundo. Curiosamente, até as últimas anotações do livro, Lula só não havia visitado o estado de Roraima. Este só foi receber o presidente pela primeira vez em setembro de 2009.

(Twitter: @_Victor_Lopes_ Blog: www.sinfoniadeideias.wordpress.com)

A PUC ESTÁ DANDO A LUZ A UM NOVO MONSTRO!

Por Laís Batalha

O medo do novo pode transfigurar-se em inúmeras facetas. Faz o homem vestir-se com escudos e atuar com espadas; faz do exercício político uma guerra pessoal e cotidiana.

Vestir-se de amarelo ou roxo durante os dias de eleição da nova chapa de gestão para o C.A. (Centro Acadêmico) Benevides Paixão dos cursos de comunicação da PUC-SP traduziu-se em uma batalha democrática contra o novo.

De um lado estava a Chapa Desassossego, condizente com a ideologia da atual gestão; do outro, a Omni, sem qualquer ideologia. Ambas dispostas a lutar, com unhas e dentes, ou melhor, com acusações e falsas conclusões, pela simbologia C.A.

Um espetáculo teatral foi o que mais acalorou o debate. Atores despertaram o desprezo, tanto de um, quanto do outro polo. Contradições mostraram as fraquezas e capacidades de cada um.

Mas quero me ater, nessa grande apresentação, ao momento anterior ao abrir das cortinas. O que havia por trás das ásperas enunciações nos ensaios? Por que elas se estenderiam até o grande público no momento da performance? Anos e anos se passaram sem que houvesse qualquer conflito (posto em prática) no Pátio do “Benê”. Por que a repulsa está se agravando continuamente?

Ao ouvirem falar do crescimento de uma oposição, os desassossegados fizeram jus ao nome e inquietaram-se. Não aceitaram a luta política com naturalidade, mas com indignação e contestamento. Não fazia mais sentido falar em concorrência



Reprodução: Ana Maria Guarany

até aparecer a amadora do primeiro ano de jornalismo. Os relutantes não conseguiram retirar dessa batalha o enriquecimento que essa inevitavelmente traz consigo, mas estagnaram-se no medo que aquele novo modo de pensar e agir trazia, medo de perder não o controle, mas a significação que com tanta luta adquiriu o Benevides Paixão. O terror os cegou, é verdade, mas o mesmo ocorreu com os demais, com os amarelos.

Omnianos e sossegados, os novos integrantes da comunicação passaram pelo período de transição de mundo conhecido para o mundo ainda por conhecer. Quando no colegial, o universo escolar já está dominado, o desafio fora cumprido. Muito além do vestibular, efetivamente colocar os pés dentro da faculdade concretiza um novo obstáculo, indiscutivelmente em se tratando de PUC-SP. Abordagens nunca vistas, áreas do conhecimento nunca imaginadas e atuação ideológica contrária àquela do cotidiano de cerca de 17 anos de vida ou mais deixariam muitos amedrontados e outros ansiosos. Nada além do esperado foi o que aconteceu. O mundo está, senão homogeneizado, homogeneizando-se. Há uma via de mão única das informações. Somos educados pelos valores do capital em casa, nos passeios, nas escolas e até mesmo nas igrejas. Tudo está pautado pela economia e enquadrado pelo cifrão. O medo de ir contra as crenças seguras que sempre os acompanharam cegaram também o outro lado.

Quem sabe, Omni, o “algo novo que está para nascer” realmente o esteja, mas dentro de vocês. Permitam-no. Quem sabe, Desassossego, aquilo que os desassossega seja a mudança indispensável. Abracem-na.

Não queremos um C.A. roxo ou amarelo, mas multicolorido. Já diziam os populares: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.”